

**EPICURO AINDA NOS ASSOMBRA
LA EPICURA TODAVÍA NOS TIENE**

Renato Domingues Diniz¹

Recebido em: 08/11/2019

Aprovado em: 20/12/2019

Publicado em: 30/12/2019

Resumo: Este trabalho se trata de uma pesquisa aos textos principais de Epicuro, filósofo helenista que desenvolveu teses a respeito de como se viver com um prazer necessário, porém módico ou que não cause dor e sofrimento na sua busca se houver a não concretização. No mundo moderno ou na era helenística, o ser humano sempre esteve em busca de seus objetivos, metas, sonhos e realizações e isto envolve uma consciência da plenitude de viver, aprender, experienciar e saborear ou não seus prazeres. Desta forma traçou-se um paralelo entre o hedonismo de Epicuro, Onfray e Lipovetsky para entendermos como o ser humano se move para ir em busca de seus prazeres. Para isso, fizemos uma pesquisa bibliográfica apontando o hedonismo perceptivo de cada filósofo citado acima e estudamos a condição atual dos sujeitos perante o mundo de hoje. As considerações sobre este estudo é a de que Epicuro ainda precisa ser muito bem compreendido e trazido aos nossos dias para que possamos refletir filosoficamente sobre nossas escolhas que dão vazão ao prazer de cada um.

PALAVRAS CHAVE: Epicuro; Filosofia; sonhos.

Resumen: Este trabajo es una búsqueda de los textos principales de Epicuro, un filósofo helenístico que desarrolló tesis sobre cómo vivir con un placer necesario, pero modesto, o que no causa dolor y sufrimiento en su búsqueda si no se materializa. En el mundo moderno o en la era helenística, los seres humanos siempre han estado en busca de sus objetivos, metas, sueños y logros, y esto implica una conciencia de la plenitud de vivir, aprender, experimentar y disfrutar o no disfrutar de sus placeres. De esta manera, se trazó un paralelismo entre el hedonismo de Epicuro, Onfray y Lipovetsky para comprender cómo se mueve el ser humano para ir en busca de sus placeres. Para esto, llevamos a cabo una investigación bibliográfica que señala el hedonismo perceptivo de cada filósofo mencionado anteriormente y estudiamos la condición actual de los temas ante el mundo de hoy. Las consideraciones sobre este estudio son que Epicuro aún necesita ser muy bien entendido y llevado a nuestros días para que podamos reflexionar filosóficamente sobre nuestras elecciones que dan lugar al placer de cada uno.

PALABRAS CLAVE: Epicuro; Filosofía; sueños

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional Uninter. Artigo Apresentado como Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Filosofia; 2º semestre de 2018. Bacharel em Administração de Empresas, Especialista em Sociologia, Mestre em Ciências Sociais e Professor da rede pública estadual de Minas Gerais. E-mail: renatoddiniz@hotmail.com.



DINIZ, R. D.

INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu da vontade de saber um pouco mais sobre o hedonismo. A busca do prazer como estudo do sujeito. Ao longo do curso de filosofia pelo Centro Universitário Internacional – Uninter, o filósofo que mais nos identificamos foi justamente Epicuro. Como não tivemos até então, oportunidade de lermos o filósofo helenista, ao termos contato com ele percebemos que ele era a resposta para muitas questões do nosso cotidiano. Principalmente, a tão atual que envolve o consumo. Pois, é o consumo que dita e abrange a busca dos nossos prazeres. Como as vontades e desejos ocorrem, como as priorizamos, como escolhemos um objetivo em detrimento do outro? Todas essas perguntas precisam passar, primordialmente, por um crivo mental e reflexivo que denotam as emoções, sentimentos, frustrações e realizações que sentimos todos os dias.

O ponto crucial à época de Epicuro e ainda hoje se dá na consciência de que nem todas as nossas querências e desejos serão concretizados e isto independe do tamanho de cada erário particular. Somos humanos e sentimos. Somos humanos e refletimos. E tudo isso nos ajuda a ter mais prazer em nossas vidas que denotam mais e mais experiências e posicionamentos para que possamos fazê-las cada vez mais bem examinada.

Assim, este estudo será sobre a Filosofia da Ética e o ponto chave de nosso estudo será o hedonismo de Epicuro, contraponto ao do filósofo francês Gilles Lipovetsky e o também francês Michel Onfray.

Epicuro usa de um estratagema teórico que demonstra moderação e cuidados de si para se chegar ao prazer como finalidade do bem. Michel Onfray diz que o mais importante não é tomar cuidado com a moderação ou as possíveis frustrações não examinadas, mas sim usar da experiência da vivência de diversos prazeres conquistados ou não para poder se chegar ao próximo que tanto deseja se. Ou seja, para (Onfray, 1999), o hedonismo precisa ser examinado ou mesmo comedido como apregoou Epicuro, e sim, vivido, vivenciado experimentado e tentado para justamente não causar frustrações e melancolias. O hedonismo de Epicuro era justamente, evitar os excessos ou o supérfluo.

Um ponto para alicerçar a questão reflexiva do hedonismo será justamente emprestar de Karl Marx a teoria da alienação para que o sujeito possa experienciar melhor sua própria conduta para se chegar ao prazer como finalidade de vida, mesmo sendo uma

DINIZ, R. D.

teoria do meio de produção humana ou econômica, a alienação se dá em inúmeras camadas de nossas vidas, por isso a derivação da teoria marxiana neste estudo.

Houve a necessidade de recorrer a inúmeros textos de Epicuro, Michel Onfray e Lipovetsky. Assim a pesquisa é amplamente bibliográfica e procura alinhar, comparar e comentar o hedonismo por estes autores apresentados. A relevância deste estudo, pensamos ser baseado nas leituras que fizemos, o porquê compramos tanto e não nos cansamos de querer algo mais, quase todos os dias, como nos diz Lipovetsky (2008): o ser humano acorda desejando algo e vai dormir pensando em uma nova aquisição que almeja no dia seguinte. Por isso a importância de trazer Epicuro para conversarmos estruturalmente sobre o hedonismo dos tempos antigos e contemporâneos.

Epicuro, o filósofo da busca do prazer

Epicuro nasceu em janeiro de 341 a.C., na ilha de Samos e faleceu por volta de 271 ou 270 a.C. Mais abaixo salientaremos sobre a filosofia de Epicuro, porém, é importante apontar uma coincidência que representa sua gênese de pensamento com relação ao significado de seu nome. Epicuro em grego *Epikouros* significa “aquele que defende, ou aquele que socorre, e o seu projeto de filosofia incluía justamente a participação ou mesmo visita de muitos de seus amigos ou discípulos na sua casa do Jardim para dar vazão aos seus pensamentos e inquietudes. Filho de Queréstata, uma benzedeira, que “saía de casa em casa recitando preces e administrando fórmulas propiciatórias e de purificação” (SPINELLI, 2013, p.9) e o pai Néocles, um professor.

Segundo (SPINELLI, 2013, p.9), Epicuro analisava constantemente quando em presença com sua mãe nas cerimônias de purificação das residências como se comportavam e o que diziam os familiares das casas visitadas por eles e principalmente, o objetivo principal da benzedeira, manter a paz, a harmonia, afastar os fantasmas, preencher de alegria o lar e proporcionar serenidade.

Quanto ao pai, um professor primário, sempre investiu e incentivou a educação de Epicuro. O filósofo helenista aos 12 anos leu Hesíodo que segundo (MORAES, 1998, p.17), foi o mais relevante fundador da cultura literária helênica após Homero. E desta leitura surgiu a maior dúvida epicurista que o levou, supostamente, a ser um autodidata a encontrar a resposta para sua grande inquietação a partir de uma afirmação hesiodiana: “O primeiro a nascer foi o caos”. (MORAES, 1998, p.17).

DINIZ, R. D.

E a partir desta afirmação dá-se início a busca incansável e perene de Epicuro. O que existia antes desse “nada”? Em contraposição, ao nada do que se trata o tudo? E o que forma este “tudo”? Qual a origem do universo? De onde viemos? A partir dos escritos de (MORAES, 1998, p.18) nenhum de seus mestres acalentaram suas dúvidas, nem tampouco Nausífanos, seu mestre na academia de matemática em que Epicuro fora estudar por pedido e direcionamento de seu pai.

Epicuro com seus 18 anos, ao visitar Atenas, por volta de 322 a.C., já vivia à sombra de Platão, porém a grande academia deste era administrada por Xenócrates. Aristóteles já estava no fim de sua brilhante existência, refugiado em Cálcis para não ser obrigado a tomar cicuta também e, pouco tempo depois, morreria. Importante não omitir nesta passagem de sua vida que tanto ele como sua família estiveram em perigo devido ao plano de constante dominação territorial do sucessor de Alexandre, general Perdicas, que colonizou a ilha de Samos e com isso se constata a força e a serenidade da futura ética epicuriana ao resistir às dificuldades, martírio e dores do exílio em Cólofon (MORAES, 1998, p.21). Vejamos a comprovação que o estudioso de Epicuro enfatiza nesta passagem da vida do filósofo de Samos:

Terá sem dúvida forjado, na década em que permaneceu em Cólofon (até -310), seu caráter e sua filosofia, esta inseparável daquele. Coerente com sua doutrina ética, enfrentou com serenidade os cruéis influxos do destino, não acrescentando, como fazem os supersticiosos, às dores inevitáveis impostas pelas circunstâncias, dores desnecessárias induzidas pelo temor de imaginária cólera dos deuses (MORAES, 1998, p.21).

Vê-se deste modo, por este breve relato e recorte da vida de Epicuro, suas características de pensamento forjados tanto por seus familiares, mestres, leituras e circunstâncias de sua vida, bem como por suas reflexões e imanências que darão vazão às suas principais teses tão vivas, úteis e refletidas, hodiernamente, justamente para que o ser humano possa alcançar sua plena realização enquanto ser existencial baseado em sua ética.

A tríplice doutrina de Epicuro

Importante citar e explanar uma tríplice divisão da doutrina epicuriana. A Física, a Canônica e a Ética.

DINIZ, R. D.

Segundo (SILVA, 2003) a *phisiología* é o fundamento de todo o pensamento epicuriano. Pois, como salientou o pesquisador em sua tese de doutoramento, a questão que norteia e que é embrionária de todas as outras, por ventura, seguintes é: “como as coisas se realizam?” A Física de Epicuro significa em linhas gerais, compreender a realidade apresentada para si por meio dos corpos, mundos e o todo. Ou seja, todas as matérias, para Epicuro, são constituídas de átomos que se originam do “nada”. A tese coincide com a de Demócrito: “Primeiramente, nada nasce do nada (não-ser). Se não fosse assim, tudo nasceria de tudo e nada teria necessidade de seu próprio germe” (DL, X, 38 *apud* SILVA, 2003, p.27)

O estudo da fisiologia epicuriana deriva da *phýsis* que na pesquisa de (SILVA, 2003), podemos exemplificar etimologicamente, da seguinte forma:

Phýsis é (...) o processo de crescimento ou gênese de alguma coisa, e, neste sentido, Epicuro somente a utiliza quando se refere aos corpos compostos e aos mundos. Num segundo sentido, *phýsis* é princípio (*arché*), porque é átomos e vazio; e, num terceiro sentido, *phýsis* é o modo de ser do todo ilimitado.

Epicuro elenca com a *phýsis* a questão principal e reflexiva da filosofia antiga e por que não dizer moderna? Há que se considerar que tudo precisa de uma ponderável explicação para o início ou gênese de um pensamento que precisa solidificar e compreender o mundo que nos cerca, ou mesmo que representava o mundo de Epicuro. Deste modo, a *phisiología* epicuriana contribui sobremaneira e, por si só, se integra ao pensamento hedonista do filósofo como veremos mais abaixo.

A canônica é outro alicerce da filosofia de Epicuro. Para os estudiosos de Epicuro, a tríplice tem a pedra angular como a ética. Inclusive, tanto a fisiologia, como a canônica do filósofo helenista são alicerçadas e ditadas, ou mesmo analisadas pelo prisma da ética deste pensador cuja sua representação explicaremos abaixo.

Quando se cita, exemplifica ou mesmo se caracteriza a canônica de Epicuro, necessita-se observar as dores da alma ou prisões que denotam uma total ausência de demonstração de apego e afeto pelo seu meio ou pelo outro. Frustrações, angústias, dúvidas aterrorizantes, medos, supervalorização dos deuses enquanto guias para uma vida feliz, temor da morte, dentre outros, podem ser cuidados, segundo Epicuro, a partir do momento em que o sujeito reconhece, interioriza suas fraquezas, as reconhece e começa a combatê-las em prol de uma vida mais feliz.

DINIZ, R. D.

O leitor atento percebeu que há nesta estruturação de sentimentos acima, a ciência em reconhece-los e a sagacidade em dominá-los e vencê-los, justamente para que o sujeito protagonista possa vivenciar a ética de Epicuro, o ser-estar feliz. O meio e o fim como mola propulsora da paz espiritual e satisfação de uma vida bem examinada.

A canônica de Epicuro se confunde com a física ou *phýsiología* deste filósofo, assim como a ética e a canônica também. Mas, por que ocorre esta quase não distinção na tríplice doutrina do filósofo dos prazeres? Ocorre justamente porque a ética, a canônica e a física têm uma intersecção peculiar a observar e refletir: a moral, a percepção do modo de vida, seja o contexto que for, e principalmente, o sentir se vivendo. Sobretudo, Spinelli exemplifica esta junção da tríplice doutrina, da seguinte forma:

(...) teve como finalidade desmistificar a *natureza* humana, particularmente em suas propensões naturais negativas, a fim de permitir ao adepto epicurista o viver feliz, ou seja, tranquilo e em paz. É nesse sentido que a física de Epicuro coincide com a chamada *canônica*, porque como tal, ela não é, ou não detém em si mesma, uma sabedoria, mas os meios de alcançá-las: mais do que um saber ou ciência, em sentido próprio, contém um saber ou ciência enquanto *atitude*, ou seja, como um modo do epicurista (ou do filósofo em geral) se autorregular (SPINELLI, 2003, p.107).

O que Epicuro sempre quis alicerçar é a busca do prazer da alma, está é a ética que alicerça, orienta e direciona sua tese que define o prazer e sua tríplice doutrina. A física orienta e faz refletir sobre as condições e os caminhos que o sujeito pode escolher para buscar ser feliz, ou mesmo seus prazeres efêmeros ou digamos, um pouco mais prolongados, dependendo do que se trata. A canônica ensina e orienta o sujeito a entender os porquês de situações, caminhos, acontecimentos e sentimentos, muitas das vezes tão tênues. Ou seja, o reconhecer o sentimento de sua vida, fortalece a caminhada para se chegar ao fim epicuriano do prazer, mesmo que este prazer seja minimamente momentâneo, mas o reconhecimento de que a sua concretização, também pode causar uma certa frustração e/ou apaziguar as vontades da alma. Então, entramos na seara da ética propriamente dita.

A possível ética de Epicuro, como salienta (SPINELLI, 2003) não segue os mesmos padrões de moral ou deontologia que delinearão os três grandes filósofos helênicos da antiguidade e seus predecessores: Sócrates, Platão e Aristóteles. A ética de Epicuro leva a suspeita de ser possível perante estes grandes filósofos porque não comportava o bem comum ou o viver bem em sociedade ou comunidade e sim o que

DINIZ, R. D.

definiu e exemplifica a ética epicuriana é justamente a busca do bem e da vida bem examinada intrínseca ao próprio sujeito que a pensa, a vive e a executa. De certo modo, significa a base moral das escolhas e rejeições. Ou seja, a física pode determinar o campo de ação em que uma escolha pode ser influenciada e também anunciada, a canônica são as bases morais que o sujeito está alicerçado para proporcionar uma escolha que lhe seja plausível e a ética é a propulsora epicuriana de uma ação que dará vazão ao estado de espírito, individualmente observado por cada sujeito. Uma ação que dará o resultado de um bem alcançado ou frustrado em si, porém que visa a consciência de que é ou não necessário para se viver bem.

Para exemplificar como a ética de Epicuro se aplica baseado em nossa explicação acima, recorreremos novamente a Spinelli:

A questão fundamental se põe em termos de que devemos ser o que podemos ser ou o que estamos em condições de vir a ser, sem que nos submetamos a um modo de ser rigorosa e racionalmente concebido, e que não condiz com os limites e possibilidades de nossa natural realidade ou verdade humana (...) não nos cabe fundar (racionalmente) princípios bem balizados em termos de modo humano (idealizado) perfeito de ser, e, em vista dele, requerer que estampemos não agir a concretização de tal ser. O risco de não efetivarmos tal equação é infinitamente maior que a possibilidade de efetivá-la, e, portanto, as chances de instituímos na alma humana a contrariedade, fonte da insatisfação e da inquietude, são demasiadamente grandes (SPINELLI, 2003, p.39) .

E para comprovar recorreremos à tese número 30 de Epicuro:

Desejos que são ditados pela natureza, mas que não ocasionam dor quando insatisfeitos, e nos quais, apesar disso, perdura a ânsia e o empenho, são oriundos de vã ilusão. Que eles não se desvanecem, não é em razão de sua constituição, mas apenas em razão da vã imaginação do homem (EPICURO *apud* MEWALDT, 2005, p.68).

Esta tese número 30 de Epicuro, ao nosso entendimento, denota a tríplice doutrina do filósofo, pois almeja forjar e considerar o sujeito pensante como parte existencial de um todo (a física), como um sujeito que pondera suas ações e pensamento em uma moral que o faz discernir escolhas (a canônica) e destas escolhas toma a melhor decisão para concretizar uma vida feliz e realizável, no seu mais íntimo âmago da alma (a ética). Há também um aprofundamento desta tese em dois pontos importantes. Uma outra tese que define as escolhas humanas, vejamos, em uma tradução da Martim Claret, traduzida de Johannes Mewaldt de 2005, adaptada ao pensamento epicuriano. E a tese fundamental número 29:

DINIZ, R. D.

Dentre os desejos, alguns são dependentes da natureza e necessários; outros são dependentes da natureza, porém não necessários; outros, ainda, nem são dependentes da natureza nem necessários, mas oriundos duma vã ilusão (EPICURO *apud* MEWALDT, 2005, p.67-8).

Eis uma tese que pode ser tanto interpretada no passado como no nosso mundo contemporâneo. O mundo nos destina uma natureza com suas inúmeras opções de alimentação. Poderia, uma vez sendo contemporâneo de Epicuro, para me alimentar escolher algo que está imediatamente ao meu alcance ou ter que elaborar um bom plano para caçar um animal carnívoro que me sacie por alguns dias ou mesmo que possa compartilhar com meus amigos e parentes mais próximos. Transportando o mesmo intuito para os dias atuais, posso planejar saciar minha fome em casa, em um restaurante barato ou mesmo em um restaurante que só pelo fato de estar lá, independente da refeição ser boa ou não, já me proporciona um certo *status* e visibilidade, algo que Epicuro convida a refletir: se a situação de saciar a fome em um lugar requintado é realmente necessária? Lembre-se de que Epicuro não condena a ação em si, mas a reflexão absolutamente pertinente da ação cristalina que traga certa felicidade e não frustração.

O hedonismo de Epicuro

A ética de Epicuro como já explanamos, não visa a uma *eudaimonia* social, mas sim ao bem-estar individualizado, reflexivo, analítico e introspectivo que pode desencadear em uma vida em conjunto em sociedade melhor, mais plena e mais saudável. Por isso, que muitos autores, comentadores e estudiosos de Epicuro salientam que o filósofo não é hedonista, outros dizem que ele certamente é, e outros dizem que Epicuro é de fato hedonista, mas, há uma enorme diferença entre a concepção da palavra e sua filosofia que significa justamente, a busca do prazer como fim, entretanto com moderação, reflexão e temperança. Hedonismo em linhas gerais significa “a busca do bem pelo prazer como finalidade” (MORA, 1996, p.330) e esta definição cabe muito bem aos cirenaicos, da Grécia Antiga, já que não evitam a dor em prol da busca efêmera do prazer.

(MORA, 1996) argumenta alicerçando o parecer de um outro autor, G.E. Moore, em seu livro “*Principia Ethica, I, III*” de que muitos hedonistas tem uma filosofia naturalista, ou seja, que transforma a concepção do bom em uma qualidade irreduzível e esta qualidade irreduzível falha em não saber explicar que qualidade irreduzível é esta.

DINIZ, R. D.

É exatamente neste ponto que cabe a filosofia ética hedonista de Epicuro. A partir do momento em que se pede para ponderar, refletir e proporcionar a melhor escolha do seu fim em si mesmo, ou seja, que prazer realmente pode suprir uma vontade, não se está (parafraseando Karl Marx) se alienando de seu mundo e sim exercendo seu modo de vida a partir de suas vontades concretas e pensadas.

É relevante, neste sentido, salientar que Epicuro elaborou uma fórmula de conter e analisar um dualismo intrínseco a qualquer sujeito, o medo e a querência. Para Epicuro, a importância maior é cultivar a saúde mental e o bem-estar da alma, então criou o *tetrapharmakon*, uma fórmula com quatro remédios para a alma sempre estar em harmonia e viver perante decisões possivelmente, mais acertadas. São eles: Primeiro Remédio – Não temer aos Deuses – Epicuro exemplifica que os deuses vivem em outro plano, outra vida, podem ser venerados ou admirados, mas nunca temidos. Segundo Remédio – Não temer a morte – O sentido da vida aqui nos parece, que para Epicuro é totalmente material. Os átomos que nos formam expiraram, então, em seu ponto de vista, não conheceremos a morte, já que houve anteriormente a ela, um fim em si mesma. Ou seja, Epicuro ensina a não temer algo que será inevitável e certo em nossas vidas, pois será menos atordoante e penoso para o sujeito não se preocupar com algo incerto de data para ocorrer, afinal todo o bem ou todo mal são percebidos ou sentidos por meio das sensações, e para Epicuro a morte é a ausência das sensações. O Terceiro Remédio – A felicidade é possível – é o qual estamos a abordá-lo neste artigo. Está muito ligado ao hedonismo já que para Epicuro a busca da felicidade é possível, basta ponderar sobre o que pode suprir os desejos da alma de forma mais módica possível. Na fome, por exemplo, não há necessidade de um banquete, mas algo que se possa saciar a fome já contempla a felicidade e dá vazão a sentir a *ataraxia* (ausência de perturbações da alma) e a *aponia* (ausência de dor). Este terceiro remédio epicuriano está muito ligado a tese fundamental número 30, que ensina a avaliar a real necessidade de um desejo, se é banal ou realmente necessário. Para isto ocorrer é necessário estar consciente de que a tomada de decisão, seja qual for, não pode gerar frustrações, ou qualquer mal sentimento e isto significa que a sensação final será a de prazer e não de dor. O Quarto Remédio diz justamente sobre a dor: É possível escapar da dor – Uma vida bem examinada diz respeito a saber que uma dor pode ser também, um fortalecimento de que ao passar, o sujeito estará mais conhecedor de suas potencialidades e terá certa experiência de vida

DINIZ, R. D.

por vivenciar a dor para chegar ao prazer. Epicuro dizia a alternância entre o bem e o mal, nos faz melhores, já que é possível saber que apesar de um mal, há o bem como oposição. Seria como pensar que apesar de uma doença, poderá haver uma cura. Então, haverá o prazer e o bem de se sentir melhor (POLESI, 2014, p.86-92)

Algumas considerações sobre o hedonismo de Epicuro.

Para Epicuro, como já elucidamos e comprovamos em suas teorias e teses o prazer é o princípio e o fim em si mesmo. E isso não quer dizer que necessariamente, quando se concretiza o prazer, a felicidade acabe. O prazer atinge seu ápice, e é neste sentido que o filósofo helenista teceu seu pensamento elaborado na tríplice doutrina. Que se busque o prazer, mas não a todo o custo e sim com a compreensão de que a vida examinada precisa ser valorizada com mesclado de metas e objetivos simples e elaborados, não só uma ou outra como prioridade. Tem-se, então, o equilíbrio que tanto Epicuro apregoa.

A experiência do prazer desperta em nós algumas coisas: a) experiência de si; b) a disposição da *escolha*, a perseguir o que dá prazer e a rejeitar o seu oposto, com o que em nós se dá tanto a necessidade de discernir quanto de exercitar o juízo; c) o reconhecimento de um princípio de bondade, suposto nestes termos: a experiência do prazer desperta em nós uma *energéia*, um vigor, que, naturalmente, nos move (nos “tende a”). Trata-se, com efeito, de um movimento interno, de uma disposição concebida por Epicuro sob dois termos: conatural (*syngenikón*) e inata (*sýmphyton*), ou seja, plantada em nós por natureza, e, como tal, dada como um bem (*um agathón*). Não, todavia, um bem imaginário ou ideativo, mas real, empiricamente dado, experienciado e, enquanto tal, fonte de aprendizado (nos termos de uma *katarchómetha*), ou seja, no sentido de que o indivíduo, na medida em que experiencia e sente prazer, experimenta e sente a si mesmo a possibilidade de se renovar. Daí que o prazer, enquanto *bem primeiro* (*agathòn prôton*), assim o é por uma única razão: porque é o primeiro dos bens que somos capazes de concreta e naturalmente experimentar, e de *reconhecê-lo* como um bem (SPINELLI, 2003, p.153-4 grifos do autor).

Este é um ponto muito importante e distinto do hedonismo de Epicuro, um filósofo que tratou muito bem a todos os seus amigos e conhecidos com muita hospitalidade e cordialidade em sua casa do Jardim. E tal comportamento, também deu a entender aos seus vizinhos, conhecidos e transeuntes que passavam na fachada de sua casa e comentários diversos que o filósofo helenista não passava de um libertino em suas ações e comportamento. Já que recebia pessoas de todas as categorias desde um alto funcionário do governo até prostitutas ficou conhecido como o rei dos hedonistas, mas na

DINIZ, R. D.

verdade, como o nosso próprio trajeto discursivo do texto aborda, Epicuro foi um hedonista sim, mas que apregoava a reflexão, os cuidados de si e o conhecimento do que é sentir prazer e principalmente, quais as benesses de se sentir o prazer moderado, não apenas módico, mas sem excessos.

Os porquês de Epicuro ainda nos assombrar com seu hedonismo.

A principal questão norteadora e balizadora deste artigo é justamente refletir sobre que tipo de hedonismo é o melhor para o ser humano, principalmente nos baseando na atual era das redes sociais, propagandas cada vez mais sofisticadas chamativas e persuasivas, e sobretudo, a emulação humana das necessidades recíprocas, muitas das vezes, ainda sem a devida reflexão.

Michel Onfray, filósofo francês contemporâneo, nascido em 1959, questiona justamente essa ênfase dada por Epicuro da moderação do prazer enquanto se busca, conquista-se, vivencia o bem. Para Onfray, não há como se refletir e ponderar a busca de um prazer, seja qual for. Ele salienta que agimos baseados na experiência de prazeres passados e presentes, eles se coadunam ou se equivalem ou são vivenciados com experiências inéditas, assim forma-se toda a psiquê para a formação do tripé: necessidade, vontade e desejo.

(...) não o sentimos [o prazer] na pura e simples ausência de perturbações, como ensina Epicuro (...). Ele não é negativo, mas positivo, ativo. Aristipo qualifica esse momento específico em que ignoramos o problema como estado intermediário; nem prazer nem desprazer, um entre-dois que nada basta para denominar prazer. Não ser infeliz não equivale a ser feliz; não sofrer não é usufruir; a ausência de negatividade não constitui uma positividade. A destruição dos desejos não constitui uma maneira de criar prazer. (...). Em contrapartida, a felicidade consiste na soma dos prazeres passados e futuros. Se a dimensão temporal do gozo coincide com o instante, a da felicidade refere-se aos três constituintes do tempo em seu conjunto: passado, presente e futuro. A lembrança de um prazer, a expectativa e o desejo de um prazer são maneiras de gerar uma alegria que estrutura e constitui a felicidade (ONFRAY, 2008, p.122-3)

Há diferença e semelhança entre o filósofo contemporâneo francês e o da era helenística. A semelhança é que ambos apregoam a necessidade de escolhas e vivências pela experiência ao longo da nossa existência adquirida com os prazeres vividos. A distinção fundamental é a de que não pode haver positividade ou negatividade, frustração

DINIZ, R. D.

ou ressentimentos no prazer. Para Onfray, o que vale é a experiência e a expectativa de uma nova vivência prazerosa.

Para reforçarmos ainda mais o que é hedonismo e como a nossa sociedade hodierna o enxerga, emprestamos o pensamento de outro filósofo francês, Gilles Lipovetsky, nascido em 1949. Ele aborda de forma muito sagaz a sociedade do *hiperconsumo*, que a qualifica, justamente, formada por sujeitos que pensam o tempo todo em aquisições diversas, o tempo todo, abrangendo atividades que envolvam desde o acordar até o adormecer. Em seu livro de 2006, traduzido no Brasil, em 2008 com o título “A felicidade paradoxal- ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo”, o filósofo alicerça o hedonismo moderno a um tripé: a industrialização capitalista moderna, a mídia e ao narcisismo individualizado dos sujeito em prol de conquistas diárias de produtos ou serviços para o bem-estar e o prazer. Vejamos um trecho sobre o hedonismo que o autor salienta:

(...) a compra de um produto de marca não é apenas uma manifestação de hedonismo individualista, visa também responder às novas incertezas provocadas pela multiplicação dos referenciais, bem como às novas expectativas de segurança estética ou sanitária. Nas épocas anteriores, existiam modos de socialização, normas e referências coletivas que distinguiam inequivocamente o alto e o baixo, o bom gosto e o mau gosto, a elegância e a vulgaridade, o chique e o popular; as culturas de classe instituíam um universo claro e sólido de princípios e regras fortemente hierarquizados e assimilados pelos sujeitos.

Esta passagem de Lipovetsky, remete a outro pensador, Zigmunt Bauman (2008) em que faz uma excelente distinção a eras vividas; a das famílias tradicionais e á atual das relações, sejam quais forem, de muita fluidez como o rio de Heráclito, onde tudo pode mudar o tempo todo. O que não permanece é o laço de amizade concreto e real e as relações familiares do período que antecede a década de 1960 do século XX. Esta distinção, faz sobressair um individualismo moral e hedonístico rápido como água corrente, pois o que importa na sociedade de hoje, segundo ambos os autores, não é a aquisição de um produto ou serviço, ou uma amizade ou conquista seja qual for. O importante é sempre a “nova aquisição”.

O hedonismo causa certa alienação?

DINIZ, R. D.

Precisamos refletir muito sobre o contexto em que vivemos atualmente. Um mundo repleto de possibilidades de consumo e escolhas nas diversas formas, nos leva a sentirmos, percebermos e experienciar o nosso mundo de muitas formas, inclusive de nos sentirmos parte dele ou não, no sentido do trabalho, do lazer, da participação enquanto cidadão, do consumo, do estar realizado em ter seu núcleo familiar e/ou amizade, e todas as outras categorias que demandam e proporcionam prazer em ser-estar no mundo.

O homem vive da natureza significa: a natureza é seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte desta natureza (MÉSZÁROS, 2016, p. 80 *apud* Marx 2003).

Esta é uma citação do livro “Manuscritos Econômicos-Filosóficos” de Karl Marx, emprestada por István Mészáros em seu livro “A teoria da Alienação em Marx”. Analisamos este pensamento como pertinente para solidificar que realmente o sujeito precisa entender não só a parte que lhe cabe, o que determina, motiva, move e inspira sua vida, mas, sobretudo, este mesmo sujeito precisa querer, seja com o recurso que tiver, galgar um olhar macro e global de seu mundo para que possa justamente apreciar e experienciar suas escolhas com mais prazer e reflexão. Contudo, a revisita a estudos de Epicuro se fazem realmente necessários, justamente para que, sem nenhum padrão dogmático, o sujeito pensante e participante deste mundo possa viver o prazer e ter prazer em viver, sem frustrações, culpa ou mesmo emulações midiáticas rasas e irrelevantes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Toda a pesquisa transcorreu e se alicerçou em pesquisa bibliográfica dos autores sugeridos e apreciados no texto. A importância da pesquisa bibliográfica se dá em aprender com a pesquisa desenvolvida do autor lido e estudado. Importante lembrar e ressaltar que esta pesquisa mesmo usando os mesmos livros referenciais que outra qualquer, apresenta um viés de pensamento que por si só se diferencia pelo título proposto da pesquisa e a perspectiva do olhar do pesquisador, mesmo que seja puramente bibliográfica.

DINIZ, R. D.

O estudo em si, se justifica por procurarmos saber como se deu o objeto de pesquisa, o hedonismo em Epicuro e em Onfray na contemporaneidade. Entretanto, mais do que comparar os dois filósofos em épocas distintas, a pesquisa procurou levar e derivar o pensamento do filósofo helenista para a nossos tempos atuais, já que temos a necessidade de comparar pensamentos dos autores para saber exatamente se o hedonismo na era atual do capitalismo informacional e tecnológico, juntamente com uma mídia dita no nosso ritmo de vida, muitas das vezes, outrora com reflexão e consciência de si, não refrearíamos este ímpeto que o próprio Lipovetsky sabe que ocorre no mundo do consumo moderno. Este foi um dos nossos pressupostos e caminho objetivante a seguir na nossa pesquisa bibliográfica.

Preocupamo-nos em não objetivar juízo de valor, já que todo pesquisador é também um ser forjado em alguns tipos de conhecimento e vivência e isto pode prejudicar a pesquisa mesmo a bibliográfica, o que dirá a de campo. Pierre Bourdieu cita muito isso em seus estudos metodológicos. Diz o sociólogo francês que, muitas das vezes, o pesquisador empresta o seu olhar para o informante de campo, e as afirmativas ou mesmo respostas do informante saem muito parecidas com o que o pesquisador pensa, mesmo este afirmando que não influenciou na pesquisa ou no desenrolar do questionário estruturado, por exemplo, (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2007).

A pesquisa procurou fazer uma pequena, porém significativa análise, para estruturar o pensamento de Epicuro na contemporaneidade. São dois carros. Um popular e da década de 1980 do século XX e outro, do hodierno, porém, um carro de luxo. Desta forma torna a pesquisa bibliográfica com um atrativo a mais para que se possa derivar e refletir a importância do pensamento de Epicuro na nossa época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ética de Epicuro delineou e demonstrou que a busca do prazer se dá não apenas e tão somente pela busca do prazer, mas principalmente, pela reflexão dos cuidados de si.

O fato de Epicuro, à sua época ter elaborado um hedonismo moderado e analítico significa que o filósofo pensou em uma ética para a vida individualizada do sujeito para que este pudesse, em tendo consciência de que realmente é, possa reunir conhecimentos

DINIZ, R. D.

para que as possíveis desventuras e frustrações não ocorram em demasia e este ser possa estar feliz consigo e este bem será transportado a sociedade em que vive. Diferentemente do que Aristóteles sempre apregoou, a *eudamonia* é o sentimento de que todas as pessoas na sociedade consigam almejar a felicidade como fim em si mesma. Epicuro nos mostrou um pouco de suas reflexões filosóficas que permearam sua vida. Por exemplo, ao citar como um dos remédios do *tetrapharmakon*, a não necessidade de se temer deuses, o pensador helenístico do hedonismo está na verdade, justificando que os dons, a escolha, a vontade, a decisão, e os caminhos que seus contemporâneos tomam, não devem ser creditados ou direcionados a vontade dos deuses e sim, a quem toma a decisão. Assim, como o deleite ou a frustração serão creditados ao agente da ação e não aos deuses.

Mesmo observando em nossas leituras a diferenciação entre os dois filósofos franceses que alicerçaram nossa pesquisa, Onfray (2008) e Lipovetsky (2008), em que o primeiro se baseia em um hedonismo de busca ao prazer pela experiência passada, presente e quiça, futura para solidificar a vontade de realizar algo pertinente que dará prazer, já o que conta para Onfray é a realização do prazer e não a sua ponderação em realiza-lo ou não, o contraponto de Lipovetsky não é uma crítica ao hedonista moderno, mas que ele não pensa no seu ato em si em prol de realizar o desejo, por isso, nomeou a nossas sociedades de “sociedade de hiperconsumo”. E a partir deste raciocínio é que vemos o quanto é importante para encontrarmos um meio termo para que o hedonismo seja alcançado pela maioria das pessoas no mundo e não apenas uma minoria qualificada.

Outrossim, o estudo da ética epicuriana nos pareceu muito pertinente para a atualidade por convidar o sujeito a pensar e examinar suas realizações que demandam a busca do prazer, com digamos, talvez Epicuro hoje diria, reflexão e Alteridade. Sim, pois, não podemos dizer que mesmo em um mundo individualizado com suas inovações tecnológicas já não precisamos reconhecer na fronteira do outro, as nossas realizações.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J. C; PASSERON, J. C. **Ofício de sociólogo – Metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis RJ: ed. Vozes, 2007.

DINIZ, R. D.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal – ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx.** São Paulo: Boitempo ed., 2016.

MEWALDT, J. **Pensamentos de Epicuro.** São Paulo: Martin Claret, 2005.

MORA, J.F. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORAES, J.Q de. **Epicuro – as luzes da ética.** São Paulo: Ed. Moderna, 1998.

ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia: as sabedorias antigas.** v.1. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

POLESI, R. **Ética antiga.** Curitiba: Ed. Intersaberes, 2014.

SILVA, M.F.da. **Epicuro – sabedoria e jardim.** Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2003.

SPINELLI, M. **Epicuro – e as bases do epicurismo.** São Paulo: Paulus, 2013.

Como citar este artigo (ABNT)

DINIZ, R. D. EPICURO AINDA NOS ASSOMBRA. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

DINIZ, R. D. (2019). EPICURO AINDA NOS ASSOMBRA. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.



DINIZ, R. D.

ANEXOS



Parati. Um carro para quem tem filhos e para quem tem brothers.

Se existe um carro perfeito para quem gosta de viver em grupo, esse carro é o Parati. Ele tem tudo para você levar os filhos (ou os brothers) para qualquer lugar, com o maior conforto: bagageiro no teto, rádio/cassete, Volkswagen com dispositivo antifurto e banco Recaro, para o versão GLS.

Motor AP 1600 - versão GL
Motor AP 1800 - versão GL e versão GL (optional)

Motor AP 1800 - versão GLS
Atuação hidráulica: direção, freios, ABS e motor de suspensão

A Parati GLS também vem equipada com direção hidráulica progressiva, controles elétricos para travamento das portas, acionamento dos vidros e retrovisores externos.

Dentro do capô, o Parati não poderia ser melhor: tem o desempenho e a confiabilidade dos motores Alta Performance Volkswagen.

Parati. Compre uma, leve cinco.

VOLKSWAGEN
Multi-conforto, multi-ventilação.

Epicuro adoraria ouvir ou ler uma propaganda desta. Talvez ponderasse pelo espaço e preferiria uma Kombi, já que na casa do Jardim frequentavam inúmeros bons amigos. Entretanto, a mensagem agrada muito mais a um epicurista do que um onfrayriano.



Exclusive Car

Classe, Estilo e Requite são os diferenciais dos serviços e dos veículos da Exclusive Car. O seu grande dia com muito Luxo e Sofisticação.

- Chrysler 300C
- Camaro SS
- Nissan Sentra

Like www.facebook.com/paulosipolicars (19) 99653-7088

DINIZ, R. D.

Já o modelo Chrysler acima, serviria para Epicuro sonhar em ter um carro de luxo e usá-lo como exemplo de como as pessoas podem se frustrar se almejarem um carro deste que cerca de os 1% mais ricos da população mundial podem comprar. Lipovetsky (2008) diria que há sujeitos que perseguiriam o objetivo de ter um carro deste, participando de concursos, promoções, ou programas de televisão que por ventura, dependendo do que podem oferecer como prêmio, poderia ser, apesar de não este, qualquer carro de luxo. A busca por um sonho também é uma estrada para o hedonismo. Já Michel Onfray ponderaria o seguinte: se você tem realmente uma boa perspectiva de conquista vá em frente e se delicie no seu desejo vicário de ter o sonhado carro.

FORMAÇÃO
DOCENTE

